

Notas de investigación

Entre trapiches, trilhas e vilas: organização comunitária e práticas sustentáveis no Distrito de Mosqueiro, PA, Brasil.

Daniel dos Santos Fernandesⁱ

Jorge Alex A. Souzaⁱⁱ

Faculdades Integradas Ipiranga (Pará/Brasil)

Resumo: O projeto “Entre trapiches, trilhas e vilas: organização comunitária e práticas sustentáveis no Distrito de Mosqueiro, PA” objetiva alcançar interação dos saberes acadêmico e tradicional, a fim de estudar e analisar a organização social no Distrito de Mosqueiro, nas comunidades de Caruaru e Castanhal do Mari-mari, com a finalidade de contribuir para o aprimoramento das práticas de subsistência, de forma a permitir a compreensão de suas próprias ações e dos processos políticos e culturais que estão envolvidas. Diante deste contexto, discutiremos ações visando à interação entre o saber sistematizado e o saber tradicional interagindo e planejando, conjuntamente com as famílias locais e parceiros, ações voltadas à sustentabilidade dos recursos naturais e na oferta e ampliação de alternativas econômicas que propiciem o emprego, a renda, a inclusão social e práticas ambientais não destrutivas. Uma destas possibilidades é o turismo de base comunitária.

Palavras-chave: Saberes; Cultura; Sustentabilidade; Base Comunitária; Alternativas Econômicas; Turismo

Title: Amidst docks, tracks and villages: community organization and sustainable practices at Mosqueiro District , PA

Abstract: The Project “Amidst docks, tracks and villages: Community organization and Sustainable practices at Mosqueiro District , PA” aims to achieve interaction of academic and traditional knowledge, in order to study and analyze social organization at Mosqueiro District -specifically the communities of Caruaru and Castanhal of Mari-mari-, to contribute to the improvement of livelihood practices so as to enable them understanding their own actions as well as the political and cultural processes involved. In this context, we will discuss actions attempting a dialog between systematized and traditional knowledge, interacting and planning, altogether with local families and partners, actions favoring sustainability of natural resources and supply as well as the widening of economic alternatives that provide employment, income, social inclusion and non-destructive environmental practices. One of these possibilities is community-based tourism.

Keywords: Knowledge; Culture; Sustainability; Community basis; Economic alternatives; Tourism

ⁱ Professor das Faculdades Integradas Ipiranga; Doutor em Antropologia. Email: dasafer@ibest.com.br

ⁱⁱ Professor das Faculdades Integradas Ipiranga; Coordenador do Curso de Turismo; Mestre em Geografia
Email: jsouza.alex@yahoo.com.br

Apresentação

O projeto de pesquisa está sendo desenvolvido numa área descrita pelos geógrafos e estudiosos da Amazônia, como um espaço que se mostra portentoso e interessante sob o ponto de vista hidrográfico. A água figura aí como peça fisiográfica e como elemento cênico, como moldura e como agente modelador. Pode-se dizer que é um privilégio uma cidade possuir em seu território tantas ilhas, baías, rios, igarapés e praias. E é certamente o arquipélago de Mosqueiro, que expressa o caráter de uma cidade constantemente penetrada e fecundada pelas águas amazônicas. E é neste distrito que o projeto desenvolveu



Figura 01. Trapiche da Comunidade de Caruaru (Foto: Márcia Lopes, 2011)

suas primeiras ações exploratórias em duas comunidades ribeirinhas, Caruaru (Figura 01) e Castanhal do Mari-mari.

Localizado no golfo Guajarinó, integrante de um maior, denominado golfo marajoara, o arquipélago de Mosqueiro (Figura 02) é composto por trinta e cinco ilhas. Seu território possui uma área que corresponde à região continental de Belém do Pará, cerca de 220km², o equivalente a 27 mil campos de futebol. Sua população residente gira em torno de 45.000 habitantes. Por se tratar de um importante balneário, em período de férias escolares sua população chega a alcançar 400.000 pessoas.

A história de Mosqueiro se confunde com a da colonização da Amazônia, particularmente do Estado do Pará e de sua

capital. É este arquipélago singular, na fantástica foz do rio Amazonas que vem encantando os viajantes durante séculos. Sendo assim, no século XVII os primeiros navegadores Europeus que aqui chegaram, apontaram para dois aspectos interessantes do ponto de vista histórico da ilha. O primeiro é a denominação da ilha de Santo Antônio e o segundo é o fato da região ser conhecida como a província dos povos indígenas Tupinambá. Habitantes do estuário amazônico, os Tupinambá estavam na região há cerca de 12.000 anos e constituíam uma civilização e uma cultura intimamente ligadas à natureza.

Assim, observamos ainda hoje uma relação íntima do morador da ilha com o seu entorno natural evidenciado por muitas comunidades ribeirinhas tais como as do Castanhal do Mari-mari e a de Caruaru, comunidades estas que são referências deste estudo, onde alternativas sustentáveis, desenvolvidas com os princípios das atividades de base comunitária, podem ajudar no desenvolvimento sustentável das mesmas, uma vez que a economia extrativista de produtos locais é praticada em seu cotidiano e onde o social se traduz na cultura tradicional de um povo de raiz tupinambá.

Diante deste contexto, o curso de Bacharelado em Turismo das Faculdades Integradas Ipiranga apresenta ações visando à interação entre o saber sistematizado e o saber tradicional na tentativa de superar barreiras físicas, teóricas e práticas no processo de ensino-aprendizagem. Isto possibilita também a elaboração e proposição técnicas para aperfeiçoamento e criação de alternativas econômicas sustentáveis para as comunidades localizadas no distrito de Mosqueiro, em Belém.

As ações executadas e a serem desenvolvidas têm como proposta interagir e planejar, conjuntamente com as famílias locais, parceiros e demais cursos universitários, ações voltadas à sustentabilidade dos recursos naturais e à oferta e ampliação de alternativas econômicas que propiciem o emprego, a renda, a inclusão social e boas práticas ambientais.

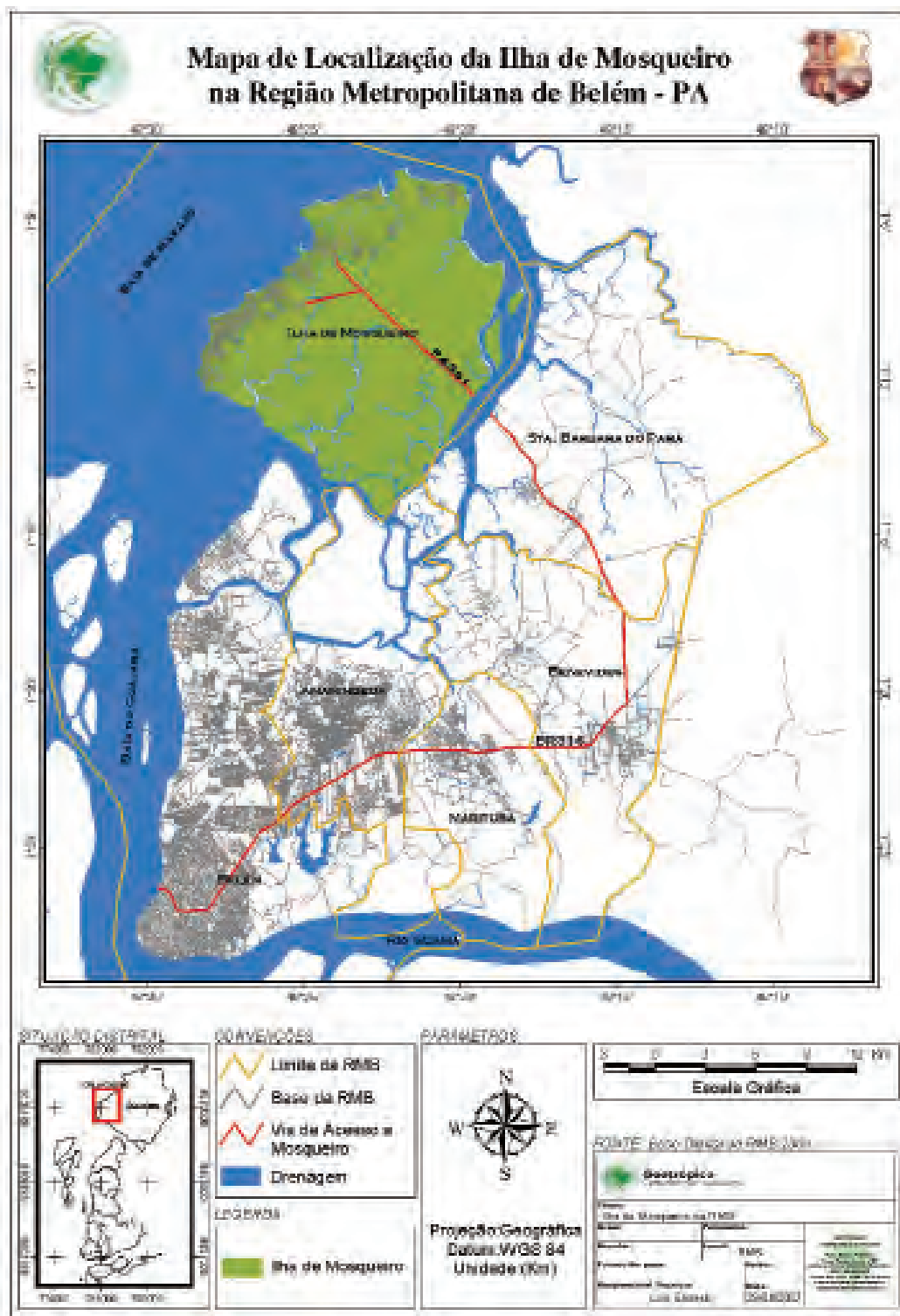


Figura 02. Ilha de Mosqueiro. (Fonte: Prefeitura Municipal de Belém; Mapa da Região Metropolitana de Belém [RMB], 2001)

Novos cenários, novos contextos amazônicos: as práticas sustentáveis e o turismo

As políticas públicas para Amazônia¹, nos últimos anos, têm priorizado agentes exógenos, deixando de envolver pequenos agricultores e povos da floresta que há anos estão à margem da ação governamental, seja nos investimentos, no sistema de crédito ou nos meios de circulação de mercadorias (Becker, 1997, 2004).

Nos séculos XIX e início do XX com a substituição do extrativismo das drogas do sertão, a extração e produção da borracha atraiu um enorme contingente de trabalhadores à região, vindos dos Estados do Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, Ceará, Pernambuco e Bahia, os quais permaneciam num sistema que os condicionava a um ciclo de dívidas, garantindo a manutenção das elites econômicas e o lucro gerado pela força de trabalho dos imigrantes nordestinos e caboclos amazônicos. Com a abertura dos eixos rodoviários, a Amazônia passou a receber diversas territorialidades que introduziram técnicas relacionadas à pecuária, às serrarias, às plantações cultivadas na mata de terra firme, à mineração e, por último, à tecnologia industrial que estimularam a desestruturação da lógica de reprodução social da região vista na ligação realizada entre os ecossistemas de várzea, igapós e terra firme pelos caboclos.

Os ingleses, no século XX, investiram em várias cidades amazônicas devido ao desenvolvimento do capitalismo industrial, onde a matéria-prima extraída da borracha tinha valor imprescindível no mercado automobilístico. Os investimentos destinavam-se para o setor de energia, portos, transportes, telefonia, telegrafia, rede de esgoto e construção civil, em Capitais como Belém e Manaus. Nas décadas de 1960 a 1980, a região amazônica sofre intervenções gigantescas, através das políticas elaboradas pelo governo federal, cuja intenção era a exploração dos recursos naturais para atender interesses do capital internacional.

O Estado iniciou uma política de de-

envolvimento que tinha na industrialização e no capital internacional seus pilares e cujo objetivo era o crescimento econômico do País (Becker, 1997). As estratégias do Estado, primeiramente, eram voltadas à implantação dos projetos agro-pecuários que causaram degradação ambiental na região. Em seguida, na mesma área do projeto anterior, o Governo Federal implanta os megaprojetos agrominerais na região, onde se percebe a estratégia do governo militar em controlar o território amazônico, por meio da federalização de rodovias destituindo e/ou enfraquecendo o poder de Governos Estaduais sob seu território político-administrativo. Estas, entre outras ações, estavam inseridas nos Programas de Integração Nacional.

Neste período, se intensificam mudanças de organização espacial na Amazônia, principalmente no modo de vida de populações que tinham nos ciclos da natureza e da influência dos rios sua dinâmica cultural, econômica e social. Este modelo de organização espacial deu lugar (ou coexiste) a ritmos da industrialização, pautados na extração dos recursos naturais, na utilização de novas tecnologias, em novas formas de relações de trabalho, o que interfere nos modos de produção e de vida de populações que dependem diretamente dos recursos naturais (Becker, 2004; Gonçalves, 2001; Simonian, 2000; Maués, 1994).

Assim, em muitas pequenas e médias cidades amazônicas, é notória a diminuição da dinâmica econômica, a reprodução dos padrões de pobreza e problemas sociais, sobretudo os conflitos fundiários, com amplo grau de degradação ambiental. São as marcas das políticas públicas que modificaram a realidade socioambiental da região. O artesão, o pescador, o agricultor, o caboclo, estão de fora da lógica ou da dinâmica do planejamento econômico destinado à região (Gonçalves, 2001; Benchimol, 1995).

A sustentabilidade, como tema central é de fundamental importância, no papel socioeconômico e cultural da comunidade local, representa um conjunto de ações necessárias para o planejamento e ges-

tão participativa. Logo se percebe que a sustentabilidade local exige uma visão a longo prazo da atividade econômica e das necessidades locais. São muito frequentes os empreendimentos não sustentáveis que ignoram não só o meio ambiente, mas principalmente a cultura tradicional das comunidades. Apropriam-se indevidamente dos espaços e provocam conflitos sociais de convivência entre residentes e visitantes.

Nesse panorama é necessário que as comunidades envolvidas em projetos possam propor modalidades viáveis aos seus padrões de desenvolvimento, em seus espaços que respeitem suas culturas tradicionais. O que reforçaria, no caso da Amazônia, a fala de Becker (2004) de que a fronteira socioambiental induziria o modelo de desenvolvimento endógeno, voltado para uma visão interna da região e para os habitantes locais, estimulando uma nova e fundamental potencialidade para a Amazônia.

É com intuito de promover mudanças socioambientais, numa ação pautada no futuro, que a sociedade civil organizada tem revelado papel fundamental no que se refere à organização e apoio das populações segregadas dentro de seu próprio espaço. Nesse sentido, o projeto “Entre trapiches, vilas e trilhas: organização comunitária e práticas sustentáveis no distrito de Mosqueiro, PA” inicia o diálogo entre os diversos saberes, entre as diversas realidades que compõem a região estudada.

Faz-se necessário construir uma nova prática e saberes diversos, tendo em vista as experiências culturais daqueles sujeitos que mantêm laços afetivos e representações sociais para com seu território, seu ambiente, no qual as relações sociais não são mediadas necessariamente pelo comércio, pelo dinheiro, mas sim, através dos valores cotidiano, cultural, simbólico e de sobrevivência.

A proposta visa compreender o cotidiano da comunidade, a fim de identificar os saberes ligados à prática social e ambiental, incorporando o saber acadêmico como mecanismo de ampliação de conhecimento

e de mudanças de atitude. Tem como propósito, ainda, conciliar os saberes diversos e transformá-los em atitudes legítimas e de cunho político no sentido de organização e representação da comunidade, tendo em vista o enfretamento de possíveis problemas diários.

É válido ressaltar que a ação interdisciplinar baseia-se na interação dialógica entre os diversos saberes (não privilegiando apenas o saber sistematizado), e tem como premissa a transformação social seu resultado final, cuja dimensão alcança mudanças econômicas, políticas e sociais na comunidade, principalmente, no aspecto da sustentabilidade dos recursos naturais, que são imprescindíveis para reprodução social.

A inclusão dos diversos saberes, o reconhecimento dos grupos sociais como sujeitos e produtores de conhecimento, a incorporação de processos educativos no campo ambiental, a contribuição de diferentes áreas do conhecimento científico, fundamentam a necessidade de se desenvolver este projeto interdisciplinar que une técnicas e habilidades de investigação, de instrumentalização e de socialização do conhecimento.

Almeja-se alcançar interação dos saberes acadêmico e tradicional com a finalidade de contribuir para o aprimoramento das práticas de subsistência, de forma a permitir a compreensão de suas próprias ações e dos processos políticos e culturais que ela está envolvida

Assim, para orientar o planejamento e as atividades de pesquisa fazem-se alguns questionamentos quanto à intervenção das Faculdades Integradas Ipiranga no Distrito de Mosqueiro: qual o perfil da comunidade? O que a comunidade tem de potencial socioeconômico? Quais os possíveis segmentos econômicos viáveis que a localidade apresenta?

Desta forma, o objetivo geral da pesquisa é criar mecanismos de sustentabilidade, a partir do desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária na ilha de Mosqueiro, em Castanhal do Mari-mari e Caruaru; levando em consideração os saberes locais e a possibilidade da criação de

alternativas sustentáveis em ecoturismo.

Para isso, traçaram-se os objetivos específicos: elaborar o diagnóstico do perfil dos grupos sociais; construir o inventário socioambiental local; realizar ações de educação ambiental; analisar as evidências de possibilidade concreta do turismo sustentável nesses espaços ribeirinhos, quais as tendências de sustentabilidade destes grupos sociais; planejar produtos e serviços junto aos grupos sociais; e sugerir propostas viáveis de planejamento e gestão participativa do turismo de base comunitária e sua aplicação na realidade das comunidades com a participação de iniciativas de incentivos do poder público em parceria com a iniciativa privada.

As metas estabelecidas foram: entrevistar famílias da comunidade e liderança comunitária; elaborar um relatório do Perfil socioeconômico da comunidade; planejar produtos/serviços sustentáveis;

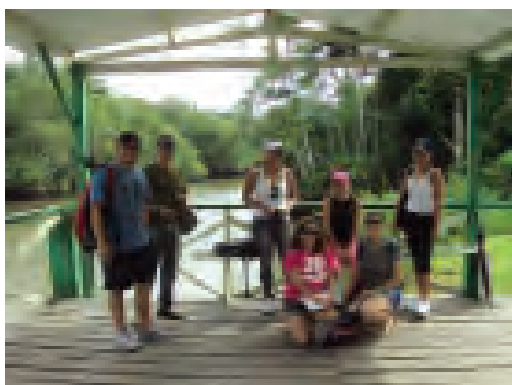


Figura 03. Grupo de Pesquisa. (Foto: Claudionor Wanzeller, 2011)

produzir cartilha digital sobre turismo de base comunitária; e produzir cartilha digital sobre educação ambiental.

Procedimentos Metodológicos

Professores, pesquisadores, bolsistas e voluntários atuam em Grupos de Trabalho (GT) em três Eixos de Ação (EA), a saber: Perfil socioeconômico da comunidade; Sensibilização Patrimonial e Ambiental e Diagnóstico e Formatação de Produtos/Serviços Sustentáveis e Turísticos. Cada Grupo de trabalho poderá trabalhar um

ou mais Eixos de Ação e os docentes poderão direcionar suas aulas para o EA definido para agregar apoio dos voluntários, assim como, suas atividades práticas planejadas. Isto tem o objetivo de dinamizar e organizar a pesquisa, diminuindo custos. Para tanto, as ações de pesquisa e análise dos dados coletados está seguindo as fases descritas a seguir:

Fase I: 1) Seleção dos participantes (alunos e professores) - realizada pelo Núcleo de Pesquisa (Figura 03); 2) Reflexão sobre os diversos olhares em campo – realizada pela equipe ; Instrumentalização teórica, levando em consideração a alteridade e o objetivo do projeto – realizada pela equipe; 3) Remontagem dos instrumentos de coleta de dados - realizada pela equipe .

Roteiro para as Entrevistas

Diretrizes gerais para a construção de roteiros. a) Para evitar que as perguntas sejam lidas (e, conseqüentemente, soem artificiais para os entrevistados), os roteiros devem constar apenas de itens a partir dos quais serão geradas as perguntas durante as próprias entrevistas; b) Para que o entrevistador possa conhecer o ponto de vista do entrevistado, os itens devem gerar perguntas abertas que comportem qualquer tipo de resposta (como, por exemplo: “o que você acha de x?”, “o que y gera em você?”). Perguntas de esclarecimento e/ ou aprofundamento (como “por quê?”, “como?”, “dá para explicar melhor?”, etc.) também devem ser previstas (mas podem ser introduzidas a qualquer momento em que sejam consideradas necessárias); c) Para preservar a naturalidade de uma conversa informal (que nunca é composta somente de perguntas abertas), alguns itens deverão gerar perguntas fechadas (cujas respostas são sim ou não, como, por exemplo, “você gosta de z?”), seguidas de perguntas de esclarecimento e/ ou aprofundamento; d) Itens que geram perguntas mais abstratas – que solicitam opiniões, reflexões, posturas, sentimentos, avaliações, etc. do entrevistado – a respeito de determinados tópicos

devem poder ser confrontados com itens que geram informações objetivas a respeito dos mesmos tópicos.

Um bom exemplo do resultado deste confronto é o contraste entre a opinião que um jovem recém-casado revela ter sobre a divisão conjugal do trabalho doméstico (a de que tudo é feito de maneira equânime por ambos os membros do casal) e as informações concretas que ele próprio fornece sobre quem faz o que na relação: quem dirige, quem leva o carro para o concerto, quem cozinha, quem arruma a casa, quem vai ao supermercado, etc. (informações que podem revelar a existência de uma divisão de trabalho convencional). O raciocínio por trás deste procedimento é o de que o contraste entre informações concretas e afirmações abstratas (muitas vezes “politicamente corretas”) tem o potencial de revelar as contradições existentes nos discursos dos entrevistados. Essas contradições, por sua vez, são importantes vias de acesso ao discurso subjacente (no caso citado, poderiam, por exemplo, revelar que, embora o discurso “explícito” do entrevistado seja o da igualdade de direitos, o que jaz por trás dele é a crença de que a divisão tradicional de papéis entre os membros do casal é “natural”).

Portanto, a construção de um roteiro tem início em conversas informais, sem qualquer tipo de estrutura previamente delineado, sobre a temática a ser investigada. Para garantir que o roteiro seja adequado à população alvo, é importante que essas conversas iniciais ocorram com pessoas que apresentem um perfil análogo àquele delineado para os participantes da pesquisa.

Um primeiro rascunho de roteiro deverá ser elaborado a partir dessas conversas. Esse rascunho, por sua vez, deverá ser testado em outras conversas, que, por já terem uma estrutura provisória, são chamadas de entrevistas-piloto. Muito provavelmente, a partir dessas entrevistas, o roteiro sofrerá sucessivas modificações e será submetido a novos testes. Quando tudo fluir bem (este é o melhor critério), o roteiro estará pronto e passa-se à etapa seguinte: Visita a campo e coleta de dados, a ser realizada pela equipe.

Considerações sobre as Entrevistas

Aspectos gerais: Cada participante é entrevistado individualmente por um único entrevistador. Em todos os casos, as entrevistas acontecem em horários negociados entre entrevistadores e entrevistados. Como todas as entrevistas têm como modelo uma conversa informal, elas são sempre conduzidas em lugares com os quais os participantes se acham familiarizadas e nos quais se sentem à vontade. Os entrevistados são, inclusive, solicitados a indicar os locais de sua preferência (restrições sendo colocadas somente aos locais muito ruidosos). Também em todos os casos estudados, antes da entrevista, os participantes devem assinar um termo de livre consentimento do qual constam informações sobre os objetivos da pesquisa, sobre os eventuais riscos que ela pode representar para aqueles que dela participam e sobre o uso que pode ser feito do material coletado.

No que diz respeito ao número de entrevistas a serem realizadas com cada participante, na maioria das vezes, é feita uma única entrevista com cada um deles. A duração das entrevistas também varia muito. As mais frequentes são as entrevistas que duram entre uma e duas horas. Em todos os casos, as entrevistas são gravadas na íntegra (em áudio) com o consentimento dos entrevistados.

Realização das entrevistas

Evitar utilizar roteiros estruturados e padronizados porque estes impedem o aprofundamento desejado, na medida em que supostamente geram perguntas feitas exatamente na ordem prevista sem que haja a possibilidade de qualquer intervenção espontânea por parte do entrevistador.

Adotar guias ou roteiros pouco estruturados e não padronizados nos quais os entrevistadores têm liberdade para introduzir novas perguntas a cada entrevista. Esse procedimento tem, porém, uma séria consequência prática: inviabiliza análises comparativas, pois diferentes questões

podem ser colocadas para diferentes entrevistados

Pode-se estipular que o entrevistador deverá ter em mãos um roteiro estruturado que deverá ser aplicado de forma flexível para respeitar o fluxo de associações do entrevistado. Isso significa dizer que a ordem dos itens pode ser alterada; que, dependendo dos pronunciamentos dos entrevistados, alguns itens talvez sequer necessitem ser transformados em perguntas porque foram por eles abordados espontaneamente; e que, apesar de todas essas alterações, o entrevistador deve estar atento para que nenhum dos itens do roteiro deixe de ser abordado.

Incentiva-se a introdução espontânea somente de perguntas de aprofundamento ou esclarecimento. Esta aplicação flexível de um roteiro estruturado tem os seguintes resultados práticos: a) do ponto de vista do pesquisador, ela gera entrevistas semi-estruturadas comparáveis na medida em que, independentemente da ordem em que aparecem, os itens abordados são os mesmos para todos os participantes; b) do ponto de vista dos participantes, essas entrevistas, se bem conduzidas, têm uma estrutura invisível porque se assemelham a uma conversa na qual podem se pronunciar sem restrições – e sem que o fluxo de suas associações seja interrompido, dos tópicos que lhes são apresentados; c) do ponto de vista do entrevistador, a estrutura do roteiro transmite segurança, enquanto a flexibilidade de sua aplicação, as aberturas de seus itens bem como a possibilidade de introdução de perguntas de esclarecimento lhe dão a possibilidade de aprofundar ou investigar melhor aquilo que achar necessário.

A etapa subsequente é a da organização dos dados, a qual começa com a transcrição dos depoimentos. Transcrição esta que é tratada de forma genérica pela maioria dos métodos. Leva-se em consideração o nível de detalhamento necessário para os objetivos da pesquisa (muitos detalhes podem atrapalhar, mas certos detalhes – como hesitações e longas pausas em entrevistas que lidam com conflitos psicológicos, por exemplo – podem ser

imprescindíveis). Embora as entrevistas geralmente sejam transcritas na íntegra, existe a possibilidade de uma transcrição somente dos trechos a serem citados. No entanto, as falas dos entrevistados não devem ser alteradas ou editadas. Erros gramaticais, palavrões, expressões chulas e congêneres devem ser transcritos, pois, quando presentes, fazem parte do discurso dos participantes.

Discussão e Análise dos dados compreendem a etapa seguinte. A interpretação pode ser realizada de dois modos diferentes: a) a partir de categorias que emergem das falas dos entrevistados, o que caracteriza a abordagem êmica; e b) a partir de categorias prévias oriundas das teorias que servem de base à pesquisa, o que caracteriza a abordagem ética.

As propostas em discussão, porém, divergem bastante quanto ao início da análise do material coletado. Na maior parte delas, a análise tem início com a primeira entrevista e continua ao longo do processo de coleta de dados, podendo começar a analisar os depoimentos coletados depois de realizadas todas as entrevistas.

Outras diferenças, relativas aos tipos de análise levados a cabo, agrupam os métodos sob consideração de outra forma. O tipo de análise a ser realizado decorre dos pressupostos adotados e das decisões tomadas ao longo da pesquisa. Comparações sistemáticas entre as falas dos participantes, portanto, não podem ser feitas pelos métodos que não usam guias padronizados (a maioria dos que estão em discussão). Já o material coletado a partir de amostras heterogêneas deve receber tratamento especial porque parte da análise consiste em delinear os diferentes perfis dos respondentes.

Apesar dessas diferenças, as análises realizadas por todos os métodos selecionados têm em comum o fato de procurar identificar regularidades, padrões e outros aspectos recorrentes nos depoimentos que analisam (tanto é que, na maior parte das vezes, a coleta de dados é considerada suficiente quando atinge o já discutido “ponto de saturação”).

A análise propriamente dita

Em praticamente todos os métodos que vimos discutindo, as entrevistas não recebem tratamento individualizado. Em geral, a análise do material é levada a cabo tendo por base comparações e outros procedimentos (como, por exemplo, o levantamento da incidência de um determinado conceito) realizados a partir dos depoimentos coletados pelas entrevistas como um todo. Dado que as entrevistas não podem ser comparadas item por item, são comparados conceitos e temas que nelas aparecem. São também combinados eventos separados para formular uma descrição integrada de um determinado fenômeno ou conjunto de fenômenos.

Pode-se levar em consideração, para o escrutínio, duas etapas: a) a da análise das respostas dadas pelo grupo como um todo, chamada de análise inter-participantes; b) a análise detalhada de cada uma das entrevistas individuais, chamada de análise intra-participantes. Mesmo considerando somente a primeira, ou seja, a análise inter-participantes.

Nestas etapas, os participantes têm um perfil homogêneo e se pronunciam sobre todos os itens do roteiro. Permite que, diferentemente do que acontece em outros métodos, suas repostas sejam sistematicamente comparadas em busca de recorrências. Dessas recorrências, por sua vez, emergem categorias – sempre êmicas – que dão visibilidade aos valores do grupo social ao quais os entrevistados pertencem. A análise inter-participantes tem também o importante papel de fornecer ao pesquisador uma visão geral dos resultados obtidos, visão essa que será aprofundada na análise das entrevistas individuais.

Seguem-se as etapas relativas ao Relatório da análise e a Socialização do relatório final.

A Fase 2 está composta de quatro etapas: 1) Identificar a partir do relatório final, que necessidades existem no campo; 2) Planejamento e execução de Propostas Sustentáveis; 3) Realização de cursos e oficinas; 4) Montagem de dossiê com re-

sultados da pesquisa.

A abordagem qualitativa na condução do trabalho pressupõe o entendimento de que os fenômenos sociais e a realidade são dinâmicos e incomensuráveis para uma análise que se pretenda enquadrá-las numa mensuração estatística. Isto porque, esta abordagem, como requisito teórico, aponta para uma direção sempre ao futuro, ao possível e às mudanças estruturais da história social.

Diante do exposto, a pesquisa compreende momentos diferentes e relevantes com relação à finalidade do trabalho. Nestes termos, antes do trabalho *in loco*, tornam-se essenciais o levantamento e revisão bibliográfica referente ao estudo em questão. O registro das obras selecionadas, através de fichamentos e resumos são instrumentos de seleção, organização e sistematização dos conceitos, teses e argumentações. Isto possibilita que a cada leitura sejam encontrados novos olhares, opiniões e relativizações sobre a realidade estudada. A esta conduta, somam-se, ainda, o levantamento e análise documental relativos aos assuntos e temas pertinentes ao trabalho e seus principais agentes sociais envolvidos, com, por exemplo, populações locais, gestores públicos, iniciativa privadas e sociedade civil organizada.

Ainda nesta etapa, a pesquisa focaliza imprensa escrita (jornais, revistas especializadas); recursos audiovisuais (programas televisivos, documentários e filmes). A sistematização e análise dos conteúdos pressupõem anotações em fichas bibliográficas, requerendo princípios básicos de registro das obras consultadas, tais como: identificação, localização, compilação e fichamento. A importância desta etapa está na atualização dos assuntos relativos à problemática de estudo, posto que as pesquisas bibliográficas e documentais oferecem condições para definir e apontar sugestões não somente aos problemas conhecidos, como também, possibilita explorar sob um olhar diferenciado um tema novo com intuito de alcançar análises e conclusões inovadoras (Marconi & Lakatos, 2004).

A pesquisa documental, por outro lado,

possibilita a identificação de ações ligadas aos processos de implementação do desenvolvimento. Isto através de análises de relatórios, mensagens oficiais, planos e programas e registro jornalístico que tenham relação com a intensificação da atividade turística nos Municípios e suas espacialidades.

Para o trabalho *in loco* no que diz respeito às observações, às entrevistas e aos diálogos serão seguidos os procedimentos de Malinowski (1977) -“a etnografia do diário”- complementados pelos ensinamentos de Oliveira (1996) que preconiza na pesquisa de campo o olhar, o ouvir e o escrever, pois



Figura 04. Reunião com representantes dos segmentos escolar e comunitário. (Fonte: Gerlei Menezes, 2011)

O olhar e o ouvir podem ser considerados como os atos cognitivos mais preliminares no trabalho de campo [...] é seguramente no escrever, portanto na



Figura 05. Reunião com o presidente da Associação de Moradores do Caruaru. Foto: Gerlei Menezes, 2011)

configuração final do produto desse trabalho, que a questão do conhecimento se torna tanto ou mais crítica [...] Devemos entender por escrever o ato exercido por excelência no gabinete, cujas características o singularizam de forma marcante, sobretudo quando comparamos com que se escreve no campo, seja ao fazermos nosso diário, seja nas anotações que rabiscamos em nossas cadernetas” (Oliveira, 1996, p. 22).

A observação, neste estudo, irá apreender os fenômenos socioambientais, com intuito de desenvolver a criatividade no terceiro momento do ato cognitivo, ao interpretar a realidade e construir um pensamento fecundo a respeito do objeto de estudo. A partir dessas premissas, a conduta na coleta de informações priorizará os relatos, as conversas, as relações sociais no ambiente de trabalho, nas atividades lúdicas, nas práticas de lazer e turismo.

Outro procedimento de coleta de informações que assume importância neste trabalho, diz respeito à importância da história oral, pois este recurso consiste em oportunizar ao pesquisador o ingresso na vida de outras pessoas, ter um contato mais humano, informal, e assim, mais profundo das experiências e vivências comunitárias (Thompson, 1992). Oferece condições ao pesquisador de vislumbrar atitudes e ações cotidianas em ambientes diversos e momentos relevantes, e, desta feita, elucidar a dimensão do cotidiano.

O trabalho de campo pressupõe períodos diferentes. Primeiro, a pesquisa exploratória aparece como primeira experiência do pesquisador com o objeto de estudo. Consiste na preparação do pesquisador frente às peculiaridades da área de estudo, com objetivo de obtenção de maiores informações e de constatação de algumas hipóteses e teorias trabalhadas. Contempla a verificação de possíveis fenômenos sociais relevantes anotados em caderno de campo e, também, a realização de entrevistas com os gestores públicos, agências e operadoras de turismo e população local (Triviños, 1985).

Na segunda etapa, a observação sistemática, soma-se aos demais procedimentos, no intuito de oferecer e confirmar dados e observações acerca da dinâmica social dos atores. É um instrumento que descreve os eventos e as circunstâncias, os conflitos, os comportamentos e as relações interpessoais dos atores numa dada realidade (Chizzotti, 2005).

Após a caracterização da área e do problema de estudo, desenvolvidos na fase anterior, assume importância as entrevistas semi-estruturadas, elaboradas de acordo com os objetivos elencados no projeto de pesquisa e direcionadas às categorias definidas na fase anterior da metodologia. Esta técnica leva ao pesquisador realizar suas indagações de acordo com o andamento do diálogo, da disposição do entrevistado ou grupos de sujeitos, deixando-o (os) livre (s) para expor (em) suas opiniões, expressões e desejos, contribuindo para a pesquisa. (Triviños, 1985).

Resultados Preliminares

Inicialmente devemos salientar que a falta de um Conselho de Pós-Graduação e Pesquisa (C.P.P.) e de um Núcleo de Pesquisas (N.U.P.), na IES às quais se vinculam os pesquisadores, no início das investigações, que pudessem lhes dar suporte, aliada a uma não-tradição de pesquisa interdisciplinar, dificultou muito o trabalho dos pesquisadores. Tal problema foi minimizado no ano corrente, 2011, com a implantação do C.P.P e do N.U.P.

A seleção dos participantes deu-se com professores e alunos. Quanto aos últimos foi realizada seleção a partir do perfil de alunos que tiveram rendimentos satisfatórios nas disciplinas Antropologia Cultural, Cultura Brasileira e Geografia do Turismo. Quanto aos professores foi aberta a participação a partir da análise dos objetivos do projeto nas disciplinas que pudessem mediar ações, o que resultou no interesse apenas dos professores de Antropologia Cultural, de Cultura Brasileira e de Geografia do Turismo. A partir daí,

estão sendo realizadas sessões de estudos a partir de vários intelectuais, particularmente das Ciências Sociais, que podem subsidiar a experiência de trabalho de campo, em sua totalidade.

Os pesquisadores tiveram acesso a alguns problemas de campo a partir dos diálogos travados com representações das comunidades locais e as diversas possibilidades no campo do turismo de base comunitária. Ao chegarmos ao distrito de Mosqueiro, antes de irmos ao Porto Pelé – onde embarcaríamos para a comunidade de Caruaru, fizemos uma pequena reunião para reafirmar algumas posturas, mesmo dentro do barco, que seriam necessárias para observação desde a saída, como conversar com o barqueiro e observar o ecossistema local. Ao chegarmos na comunidade de Caruaru fomos à casa de uma das representantes comunitárias e à Unidade Escolar local. Logo após, foram divididas as duplas de discentes para aplicação do questionário sócio-econômico. Os coordenadores seguiram para uma entrevista não estruturada com uma representante da comunidade, uma representante da comunidade escolar, e um mediador-guia que juntou-se ao grupo desde a sede de Mosqueiro, antes de embarcarmos (Figura 04). Vale salientar que esse mediador-guia foi de grande valia para o trabalho de campo, pois tem um excelente conhecimento local, tanto em nível espacial como interacional na comunidade.

Antes de nossa volta, logo após o almoço com as representações locais, o presidente da Associação de Moradores que se encontrava na sede do Distrito de Mosqueiro veio ao encontro do grupo de pesquisa e começamos uma reunião na qual o presidente expôs algumas situações da comunidade e ouviu a intenção de trabalho do grupo. (Figura 05)

Os trabalhos estão tendo continuidade, agora orientados pelas demandas apontadas pelas representações da comunidade, o que reforçará a idéia de um turismo de

base comunitária com as comunidades envolvidas, procurando criticamente os meios desejáveis e avaliando os resultados.

Bibliografia

- Becker, Bertha K.
2004 *Amazônia: geopolítica na virada do III milênio*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Becker, Bertha K.
1997 *Amazônia*. São Paulo: Ática.
- Benchimol, Samuel
1995 *Navegação e transporte na Amazônia*. Manaus: UFAM.
- Chizzotti, Antônio.
2005 *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez.
- Gonçalves, Carlos W.
2001 *Amazônia, Amazônias*. São Paulo: Contexto.
- Malinowski, Bronislaw
1977 *Um diário no sentido restrito do termo*. [Trad. Celina Cavalcante Falck] Rio de Janeiro: Record.
- Marconi, Marina de A.; Lakatos, Eva. M
2004 *Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas.
- Maués, Raymundo H.
1994 *Uma outra "invenção" da Amazônia: religiões, histórias, identidade*. Belém: Cejup.
- Oliveira, Roberto C. de
1996 "O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever". *Revista de Antropologia*. São Paulo 39(1):13-37.
- Simonian, L. T
2000 "Políticas públicas, desenvolvimento sustentável e recursos naturais em áreas de reserva na Amazônia brasileira" In Coelho, M. C. N; Simonian, L. T.; Ferzl, N. (Orgs). *Estado e política públicas na Amazônia: gestão de recursos naturais*: 9-54.. Belém: Cejup:UFPA-NAEA.
- Thompson, Paul.
1992 *A voz do passado. História oral*. São Paulo: Paz e Terra.
- Triviños, Augusto N. S.
1985 *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa educativa em educação*. São Paulo: Atlas.

NOTAS

1 A Amazônia Legal compreende nove entes federativos, são eles Acre, Amazonas, Pará, Amapá, Roraima, Rondônia, parte dos Estados do Maranhão, Mato Grosso e Tocantins

Recibido: 31/08/2010
Reenviado: 08/11/2010
Aceptado: 28/12/2010

Sometido a evaluación por pares anónimos